



Práticas de Manejo do Solo realizadas por Assentados Rurais em Municípios da Zona da Mata Sul de Pernambuco ⁽¹⁾.

Hebert Douglas Arruda Nogueira⁽²⁾; Lucivânia Santos Rios⁽³⁾; Vandéria Maria de Oliveira Silva⁽³⁾; Rômulo Vinícius Cordeiro Conceição de Souza⁽⁴⁾; Bianca Silva Tavares⁽⁴⁾; Agenor Bezerra de Almeida Junior⁽⁴⁾

⁽¹⁾ Trabalho apoiados com recursos do NEADS/IFPE Barreiros (CNPq Chamada 81/2013) e IFPE/Campus Barreiros.

⁽²⁾ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia; Instituto Federal de Pernambuco – Campus Barreiros; Barreiros, Pernambuco; hebertnogueira7@gmail.com; ⁽³⁾ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia; Instituto Federal de Pernambuco – Campus Barreiros; ⁽⁴⁾ Professor; Instituto Federal de Pernambuco – Campus Barreiros.

RESUMO: A preocupação relacionada ao uso consciente e sustentável do solo é uma temática cada vez mais abordada em discussões a respeito dos impactos causados pelo desenvolvimento das sociedades contemporâneas e de sua gestão em favorecimento às futuras gerações. Neste contexto, o trabalho teve como objetivo diagnosticar práticas de manejo e conservação do solo, realizadas por agricultores familiares assentados em municípios da Zona da Mata Sul de Pernambuco. Para tanto foi utilizado um questionário estruturado com múltiplas alternativas objetivas, aplicadas a 78 agricultores familiares assentados. A maior parte dos entrevistados reconhece que realiza práticas inadequadas para a conservação do solo como plantios “morro abaixo”, desconhecendo práticas como: curva de nível e terraceamento. Os mesmos também ressaltam que utilizam apenas adubação mineral, seguido de adubação mineral com esterco em detrimento de outras práticas de manejo e conservação do solo.

Termos de indexação: agricultura familiar; conservação do solo; assistência técnica.

INTRODUÇÃO

O solo como corpo natural dinâmico possui fundamental relevância ao meio ambiente na sustentação e preservação da biodiversidade dos ecossistemas, sendo fonte de nutrientes e matéria primas, dá a suporte a produção alimentícia, além de ser regulador ambiental.

O uso imprudente do solo, principalmente após o advento da revolução verde, compromete sua aptidão produtiva de forma contínua e crescente, aliado à progressiva demanda por espaço resultante da vasta expansão urbana e a busca quase insaciável por produtividades mais elevadas na agropecuária.

Segundo Denardin et al. (2011) a degradação do solo pode ser extremamente rápida, contudo sua formação e/ou regeneração, comprovadamente, é lenta. Solos inadequadamente manejados e contaminados podem levar à perda irreversível de suas propriedades. A longevidade de solo constitui,

sem dúvida, um dos aspectos mais importantes da agricultura contemporânea.

Roder & Silva (2013) afirmam que agricultura familiar, na última década, passou a ser vista pelo governo brasileiro como um segmento imprescindível para o combate à fome e para garantir segurança alimentar e nutricional. Estima-se que cerca de 70% da alimentação do povo brasileiro provenha deste segmento da agricultura.

O presente trabalho visa diagnosticar práticas de manejo e conservação do solo, realizadas por agricultores familiares assentados em dois municípios da Zona da Mata Sul de Pernambuco.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado entre os municípios de Barreiros e Tamandaré, localizados na Zona da Mata sul de Pernambuco, distantes 100 km de Recife. Para tanto, foram aplicados questionários estruturados, compostos por alternativas de múltiplas escolhas, relacionadas a práticas de manejo e longevidade do solo, sendo entrevistados 78 agricultores e agricultoras familiares de oito assentamentos rurais denominados: Baeté, Cachoeira Alta, Engenho Alegre, Ilheita, Jundiá de Cima, Mascatinho, Maria Nova e Passagem Velha.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das medidas básicas para a longevidade do solo é o plantio em nível, que consiste, conforme na criação de obstáculos à descida da enxurrada, diminuindo a velocidade de arraste, e aumentando a infiltração d'água no solo (Bertoni & Lombardi Neto, 2005).

O relevo na região varia entre morros, encostas e planícies aluviais; mas a grande maioria dos assentados possui boa parte das suas terras em encostas. Por conseguinte uma fração massiva destes executa o plantio em pelo método chamado “morro abaixo”, que consiste em não efetuar a curva de nível na implantação da cultura em inclinações do terreno.



Este modo equivocado de plantio traz consequências desastrosas, pois ele abre caminhos, pelos quais a água pode percorrer e ganhar velocidade. Assim, propiciam-se circunstâncias ideais para ocorrência de erosão. O plantio em nível facilita exatamente a condição contrária. Nele, as linhas interceptam a enxurrada, reduzindo a força e velocidade da mesma permitindo que a água se infiltre (Salemi, 2009).

Quando questionados no tocante a percepção da perda de solo, 67,9% afirmam que constatarem normalmente nas chuvas, parte do solo sendo perdida, e minoria de 32% negam perceptíveis perdas.

A inclinação do declive do terreno é um fator que influencia fortemente as perdas de solo e água por erosão hídrica, pois, à medida que ela aumenta, aumentam o volume e a velocidade da enxurrada e diminui a infiltração de água no solo (Cogo et al., 2003).

Para os que verificam perda, 21,7%, destes tomaram medidas, para contornar o problema em questão. Todavia grande parte dos agricultores notaram um déficit produtivo e queda na umidade da gleba com o tempo.

Cogo et al. (2003) ressaltam ainda que diversas pesquisas têm demonstrado a eficácia dos preparos conservacionistas de solo no controle da erosão, com reduções de 50 a 95 % nas perdas de solo, em relação ao preparo convencional.

As práticas conservacionistas que foram citadas pelos agricultores são elencadas na Figura 1.

A maior parte dos assentados opta apenas pelas práticas conservacionistas de caráter edáfico promovendo a adubação mineral (27%), seguido pela conjugação adubo mineral mais esterco (20%) e apenas esterco (17%). Esse resultado reflete a cultura canvieira em que a adubação química e torta de filtro são preferidas em detrimento ao uso de esterco; em parte pela pouca disponibilidade na região.

De acordo com Câmara, & Klein (2005) a manutenção dos restos culturais ou vegetação nativa, proporciona uma diminuição no impacto causado pela ação da chuva, que reduz o risco da erosão hídrica, ligado a maior acumulação de matéria orgânica superficial, ampliando a capacidade de retenção da umidade.

Os agricultores também diversificam as culturas com o cultivo da mandioca, banana, cana-de-açúcar, leguminosas e plantas frutíferas. Apesar de a maioria dos entrevistados (60%) informar que tinha algum tipo de conhecimento sobre o manejo adequado do solo, muitos não souberam nomeá-las

ou reconhece-las quando citamos o terraceamento ou curva de nível na entrevista.

Sobre a forma de aquisição desses conhecimentos (Figura 2) citam a escola, o sindicato, ONGs e até mesmo o senso comum (observação diária, conversa com mais velhos ou vizinhos) como principal forma de acesso a informação em detrimento a assistência técnica oficial oferecida pelo Estado por meio do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA).

Assim, os agricultores assinalam que a falta de assistência técnica adequada para uma melhor orientação dificulta a aplicação das técnicas de manejo e conservação do solo.

CONCLUSÕES

A maioria dos entrevistados utiliza apenas práticas conservacionistas de caráter edáfico como a adubação mineral, seguido de adubação mineral com esterco em detrimento de outras práticas de manejo e conservação.

A maior parte dos entrevistados reconhece que realiza práticas inadequadas para a conservação do solo como plantios “morro abaixo”, desconhecendo práticas como: curva de nível e terraceamento.

Os agricultores assinalam que a falta de assistência técnica adequada dificulta a aplicação das técnicas de manejo e conservação do solo.

AGRADECIMENTOS

Ao Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agricultura Orgânica e Desenvolvimento Sustentável (NEADS) do IFPE – Campus Barreiros e ao CNPq (Chamada 81/2013) pelo apoio a pesquisa.

Ao IFPE/Campus Barreiros e a IFPE/PROEXT pela concessão da bolsa de extensão.

REFERÊNCIAS

BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do solo. 5. ed. São Paulo: Icone, 2005. 355 p.

CAMARA, R. K., & KLEIN, V. A. Escarificação em plantio direto como técnica de conservação do solo e da água. Revista Brasileira de Ciência do Solo, 29:789-796, 2005.

COGO, N. P.; LEVIEN, R. & SCHWARZ, R. A. Perdas de solo e água por erosão hídrica influenciadas por métodos de preparo, classes de declive e níveis de fertilidade do solo. Revista Brasileira de Ciência do Solo, 27:743-753, 2003.

DENARDIN, J. E.; KOCHHANN, R. A. & FANGANELO, A. 15 de abril dia nacional da conservação do solo: Agricultura desenvolvida no Brasil é conservacionista ou não? Boletim informativo da SBCS. Jan/Abril 2011.



RODER, E. dos S. F.; SILVA, E. L. da. Agricultura familiar e as teses de doutorado no Brasil. Revista Transinformação, Campinas ,v. 25, n. 2, ago. 2013 .Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862013000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 jan. 2015.

SALEMI F. L. Plantio em nível. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/plantio-em-nivel-a-medida-basica-de-conservacao-do-solo/30447/>>. Acesso em 19/Jan de 2015.

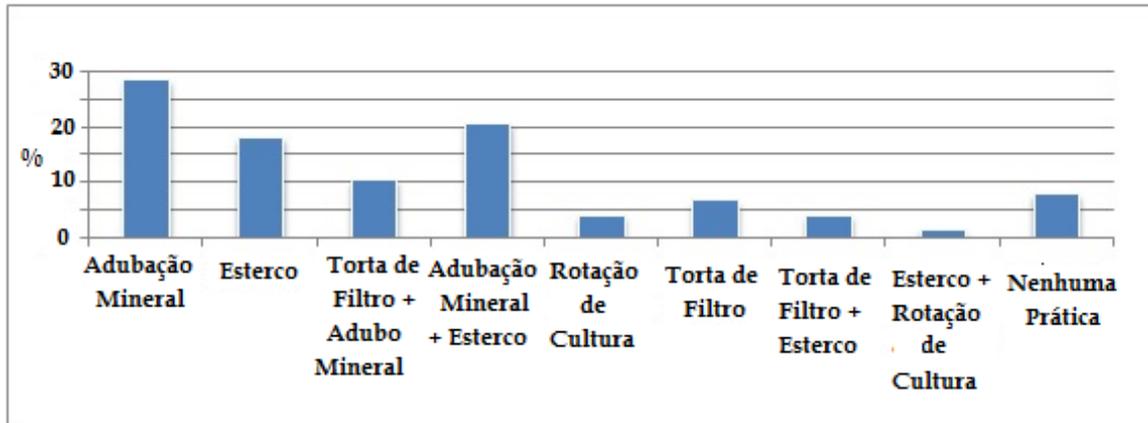


Figura 1 – Práticas conservacionistas de caráter edáfico adotadas por assentados na Zona da Mata Sul de Pernambuco.

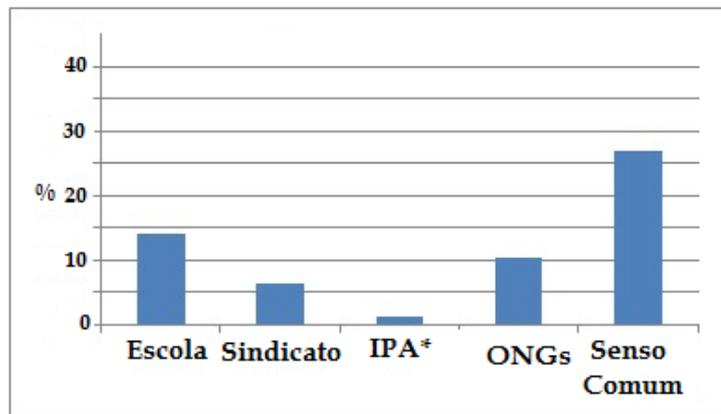


Figura 2 – Forma de acesso a conhecimentos sobre práticas de manejo e conservação do solo citadas por assentados na Zona da Mata Sul de Pernambuco (*Instituto Agrônômico de Pernambuco; Senso comum: observação diária, conversa com mais velhos ou vizinhos).